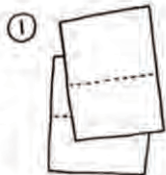


ACREO



VAMOS FAZER UM ZINE



1
ache algumas
de folhas de
papel padrão



2
dobre ao meio e
númera das
páginas



3
escrever e desenhar
o que você curte



4
o original está
pronto para a
reprodução



5
descole algum
escritório ou
impressora



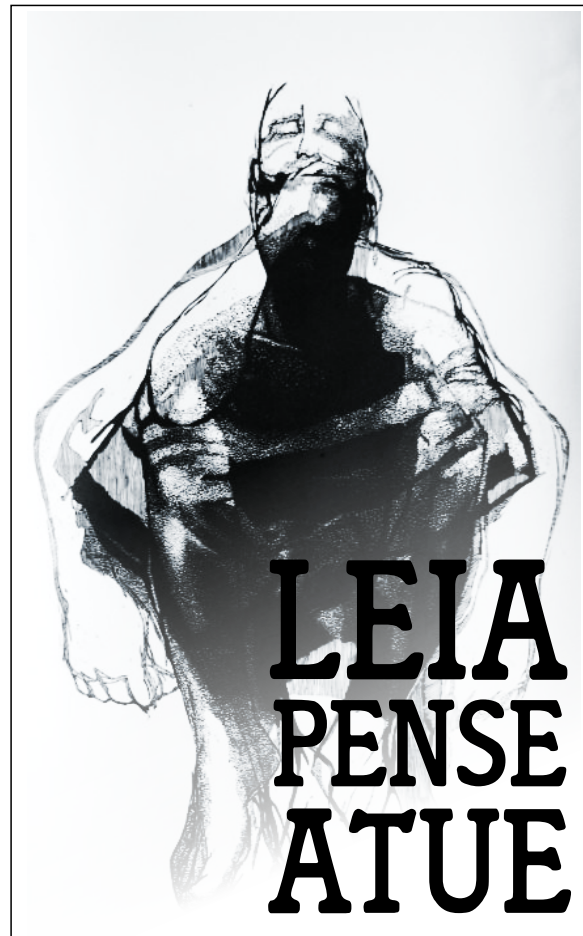
6
tire quantas
cópias cnseguir



7
descole um
grampeador na
saída



8
espalhe as cópias,
troque, deixe por ai...





**SE EU
FOSSE
VAGABUNDO
E
E QUISESSE
SER SUSTENTADO
POR DINHEIRO
PÚBLICO
EU SERIA POLÍTICO
E NÃO ARTISTA**



SUPLEMENTO ACRE

julho, agosto, setembro de 2016

tiragem infinita,

VÁRIOS COLABORADORES.

Capa: Arte em stencil. (Rômulo Ferreira)

criação de arte: Rômulo Ferreira

ONDE ENCONTRAR MAIS:

Ruas da Cidade, Recanto do Poeta (Lapa),
via Carta, com os participantes, Sarau AMEOPoEMA,
...

investimento: valor indefinido || 0800 em formato e-book

outrasdimensoes@gmail.com

suplementoacre.blogspot.com

facebook.com/ameopoema

Otras Dimensões Selo Editorial

nesta edição::

Marcos Assis || Nathália Ranny Falci || ana f. ||
Ana Carolina Medeiros || *LUPIN* || Camila Silveira ||
Piva || David Beat || Flávio Ferreira || *GRAZI* ||
Matheus Matheus || Pakkatto || *Victor Escobar* ||
Arthur Parreiras || *Paco CAC* || *Mia Vieira* ||
Bárbara Zul || *Lima Barreto* || *Marcelo Negrão* ||
Alexandre dos Ratos || *Sula Suli* || *Fabio Maciel* ||
Juan Pardo || *Andrea Dworkin* || *Ratos di Versos* ||



**LEU TUDO?
PASSE ADIANTE**



QUE NÃO TE ESMURREM COM AS MÃOS QUE TE ACARICIAM
QUE NÃO TE OFENDAM COM A BOCA QUE TE BEIJA
QUE NÃO TE ARRANQUEM SONHOS PROMETIDOS
QUE VOCÊ TENHA SEUS PRÓPRIOS SONHOS
QUE NÃO TE CALEM COM PALAVRAS DE AMOR

AMOR NÃO BATE, AMOR NÃO MATA
AMOR SACIA, AMOR RESPEITA

E eu queria um dia de trégua, um dia de folga, um dia em que nenhum corpo novo fosse empilhado, um dia em que nenhuma agonia fosse somada à que já existe, e eu to pedindo que vocês me deem isso. E como eu poderia pedir menos? Isso é tão pouco. E como vocês poderiam me oferecer menos? Isso é pedir tão pouco. Até em guerras há dias de trégua. Sério, vão e organizem uma trégua. Parem o lado de vocês por um dia. Eu quero uma trégua de 24 horas sem estupro. Eu desafio vocês a tentar. Eu demando que vocês tentem. E eu não me importo de implorar para que vocês tentem. O que mais vocês estariam fazendo aqui? O que mais esse movimento poderia significar? O que mais importa tanto quanto isso? E nesse dia, nesse dia de trégua, em que nenhuma mulher é estuprada, nós começaremos a verdadeira prática da igualdade, porque não podemos começar antes desse dia. Antes desse dia, isso significa nada, porque é nada: não é real. Não é verdadeiro. Mas quando esse dia chegar, isso se torna real. E então, em vez de estupro, nós iremos, pela primeira vez na história das nossas vidas, tanto mulheres quanto homens, começar a experimentar a liberdade. Se o seu conceito de liberdade inclui estupro, você está errado. Você não poderá mudar o que alega querer mudar. Para mim, eu quero conhecer um dia de liberdade antes de morrer. Eu deixo vocês agora para fazer isso por mim e pelas mulheres que vocês dizem amar.

"24 horas sem estupro" - Andrea Dworkin - fragmento
poema por: GRAZI - #queroumdiasemestupro

dezoito de agosto de dois mil e treze

para Irene de Melloneves

me sento no frontispício
na torre da Igreja há um símbolo
azul cinzento de estrada
da corola de meu signo

a chuva que não caiu
umedece o pensamento escuro
sobre pernas adocicadas
apoiadas no cimo do muro

o rumo dos meus amigos
perdeu-se na noite fria
morreu ao raiar do dia
em que a Serra não notei

desprego as ventosas da Casa
desconstruo mitos e moradas
saude das namoradas
me faz afundar sem bússola

sem leme
sem elefante
sem fé
sem cruz
nem cartomante
me afogo em tudo que sei

ana f.

facebook.com/anaefeminusculo

sou pedra
engasga
enfim terra
sem sombra
espasma espalha espelha
diga de passagem veio sentir ser
não fez diferença
póstuma
pós culpa
em cheque
dúvida

a batida quebra
o homem trabalha o cimento
a casa é de pedra
cidade acabamento

Marcos Assis - MG
cardeo.blogspot.com.br/

Acordei sentido seus dedos
frios
sendo esquentados, pela manhã,
dentro de mim.

Era sonho,
então resolvi me masturbar
te chamando,
gemendo
pra tentar cessar a
fome
que tinha do seu corpo,
das curvas.

Gozei seu nome.
Se esparramou pelo lençol,
grudou nas coxas e
me senti viscoça.
É, você me dá
tesão

até quando não me
toca.

Lambi pra guardar na
boca a
saude.

Nathália Ranny Falci
nathaliarog.wix.com/rannyfalci

conto sobre rua e poesia e...

Acordo hoje, dia 14 de maio, uma pós sexta feira treze da pesada, solidão e rua fria me tomam o corpo, são Paulo é santo porra nenhuma, aqui a dor e o escárnio reinam nestas pessoas que esperam a riqueza passar em sua frente e assim a elas se grudarem e nunca mais soltarem, sábio acordo cedo, com o pau duro e doído pra ter ma transa bárbara, pra saber o gosto de todas as frutas que vem na hora do gozo. \\ acordo sabendo do acordo que me fez temer as pernas, tudo que eu quero esta ruindo e agora em âmbito nacional! \\ acordo pra cantar e acabo ouvindo jonny cash pra ver se alguma ave cai em meu colo e assim a fome de voar eu possa saciar, aprender com o movimento dos barcos, tantas vezes eu olhei e somente olhei, os barcos sempre sabem a hora certa de andar. \\ um conto sobre poesia, sobre rua, sobre as coisas. \\ um conto atordoado de tomar água de torneira gelada, o frio daqui é de congelar as veias, a veia que salta ao ler seu recado na tela deste bendito aparelho. a sede me paralisa e tenho que parar pra fumar um cigarro, preciso descer escadas e dar de cara com um bar de vadios e loucos que olham pra mim como se o louco fosse eu. a realidade é outra e se eles se meteram a besta comigo eu pego esta pedra e atiro na cabeça de um filho da puta deste que nada mais tem a perder se não esta mediocre vida abandonada aqui junto a minha... **PERCEBO TUDO CAINDO CALADO, FUMO O CIGARRO ENTRO EM MEU QUARTO E FICO ESPERANDO O COMETA DESTRUIR TODA ESTA FARSA. AS PESSOAS GERALMENTE NEM PERCEBEM QUE ESTÃO MORRENDO TODAS AS HORAS.**



De paseo. - Juan Pardo 2005
Grabado CAD CAM y aguafuerte
TEXTO: Rômulo Ferreira

VERMELHO, DEPOIS POEMA

é quente o vermelho
pinga na raiz do cabelo
perpassando sem calma
nos miolos
nas sinapses etc e tal
vai pelo pescoço e da faringe me rouba o ar
vermelho me entra no coração e
me rouba os pigmentos do sangue
me sangra
passa pela barriga a quentura
e chega onde quer chegar

ali é onde vermelho quer estar

faz o corpo tremer
vermelho também ama
passa pelas coxas, joelhos e pés
se derrama
e volta
e vai
vermelho em carne sai
mas fica dentro em algum lugar

e vira e mexe
vira esquema
primeiro vermelho
daí vem poema
coisa de alma que me acresce

Ana Carolina Medeiros
facebook.com/anacarolinamsc



tá na lábia
pelos beijos
sai num som a palavra
bem pronunciada
redonda --- bem aproveitada
bate nos dentes língua ferina
desengolida e bem armada

há ainda quem diga que palavra não mata
quem não tem medo de se envenenar
até engasgar com a própria língua
até fazer sala pro mal amar

ah, deixe estar.

tá na lábia rasgando o beijo
implorando pra sair linda e lapidada
ligeira e bem pronunciada
ela alcança, morde e sopra
ela move, e estoca

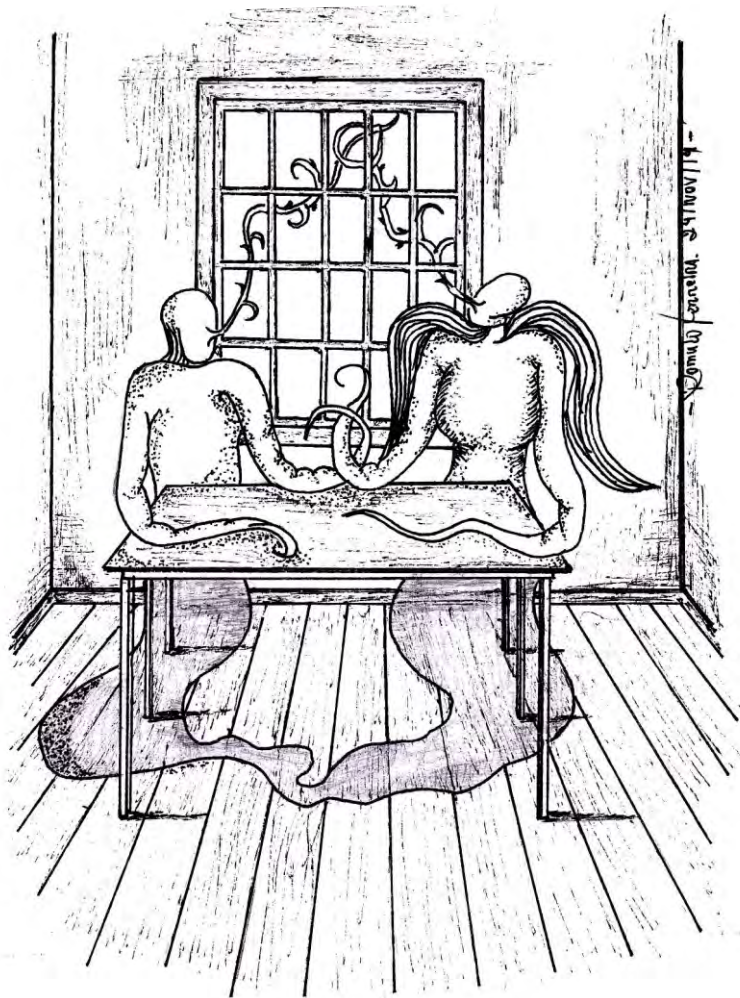
deixe estar..
ferro fogo e aço e mel
queima tudo
ou alavanca um todo
aqui a palavra é quem manda
quem banca toda uma vida
quem faz ser traduzida
a mais profunda essência humana
palavra bate, cria, e som emana
a língua o mais o tal e o traz
por aqui é a palavra quem manda

Tempo apropriado
Toma o teu
Teu nome próprio
Nomeado
Não se baste em documento
Assinado
Que mantém o atendimento
Ou faz chamado
Honre na parte de dentro
Tua porta de saída
O que lhe foi dado na entrada da vida.

Sula Suli
cuspediario.blogspot.com.br

para chegar ao banquete,
delinquente que sou,
ando só. isso dói.
mas o que temos hoje para comer?
com braços de polvo enlaço o amigo,
e faço do pé,
refeição:
mocotó.

Alexandre dos Ratos
*sobre desenho ao lado
ilustra: Rômulo Ferreira

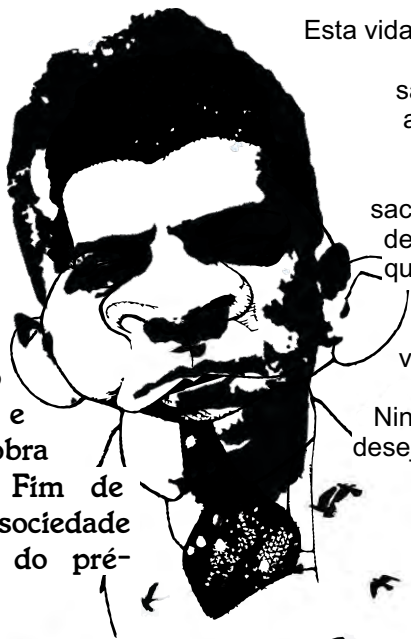


Lima Barreto

pesquisa Ameopoeia, foto: experimentalismos
foto «pássaros»: Marcelo Negrão

No Dia da Abolição da Escravatura também é comemorado o nascimento de um escritor brasileiro que foi filho de um negro nascido escravo e de uma mulata filha de escrava. Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 e vivenciou o fim do Brasil imperial. A obra mais conhecida do autor é *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, com críticas à sociedade urbana, que é uma das principais do pré-modernismo.

Lima Barreto rompeu com o nacionalismo ufanista e também era crítico da República Velha, que manteve os privilégios das poucas famílias ricas e dos militares. Além de usar uma linguagem mais coloquial, seus livros tinham uma temática social e abordava os pobres, os boêmios e os arruinados. Sua obra influenciou o modernismo.



Esta vida é absurda e ilógica; eu já tenho medo de viver, Adelaide. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira havemos de nos contradizer de sol para sol... (...)

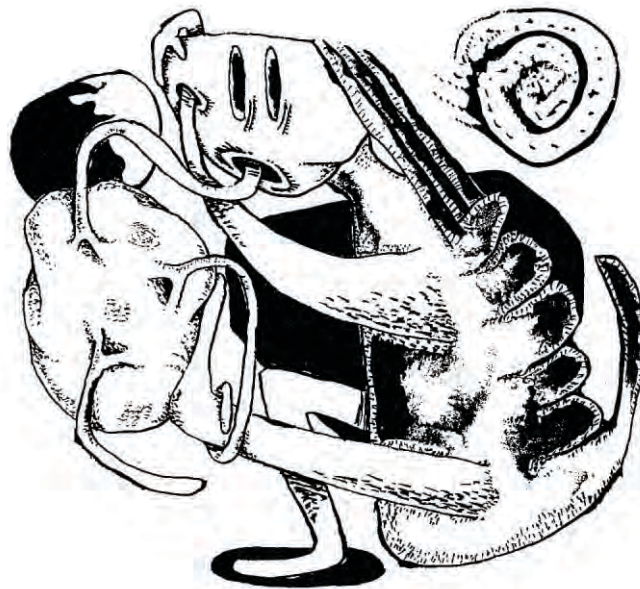
Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido, e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer...

Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade.

Lima Barreto

A glória das letras só as tem,
quem a elas se dá inteiramente;
nelas, como no amor,
só é amado quem se esquece de si inteiramente
e se entrega com fé cega."

vodka, para todos que não amam, ou desistem percorrem todo o dia sem calor. despencam. Vodka é vida, morte ou sexo vodka metafísica. vodka coração transplantado vodka em todos os órgãos vodka em desejos, vital. vodka de manhã vodka para evitar o sol vodka para não ter oq ue esquecer vodka no ódio vodka para um mundo melhor Toma os teus instintos dos exatos Entrega a treva no hospício Não seja fuga nas vezes de amor cante-me bizzarros pela tarde beba toda minha vida me coma esqueça a natureza no bar Eu não gosto de sentir não gosto de você foda-se todo azul vermelha é a pedra que não tem inferno qual, desbota com delírio o precipício Tem uvas verdes, maçã do amor nenhum sonho, há desesperos parece tudo bem. Domingo vou te ver Beber vodka com os tristes, sem soluço usando cinza acho que cansei.. quase manhã no iglu quase lindo em vodka bóia em vodka dói em vodka, colorir é horrível em vodka faço amor em vodka faço café eu desisto de voltar Não há mais limites Para o suave, gelo.



Mia Vieira

facebook.com/mia.vieira.18/about

ilustração: LUPIN

O tempo destrói tudo notícias passadas a limpo em jornais velhos que a gente usa para embalar as louças e as coisas que não tivemos tempo ou coragem de perder pelo caminho. Seu coração recortado de um maço de cigarros que mesmo sendo vermelho é de papel mesmo e o tempo destrói mais rápido ainda as coisas que são de papel que não são coisas de verdade porque são de papel mesmo (embora eu pense que o papel é uma coisa de verdade posto que posso tocá-lo mais se você disse que não então tá, fica mais bonito assim mesmo). O tempo destruiu um mundo cheio de palavras porque não havia nada para se ler além das entrelinhas que graças ao deus que Nietzsche gentilmente já fez o favor de destruir porque na verdade ele nunca existiu porque ele era a gente mesmo, essas coisas ainda pendem e dependem da sua cabeça. O tempo destruiu todas as cartas que na verdade eram uma só e eram muitas muitas tantas outras coisas que eram uma só e no final depois o tempo destruiu tudo.

O tempo bebeu milhares de garrafas de qualquer coisa enquanto esvaziávamos os cinzeiros e comprávamos mais e mais garrafas de outras coisas que nos destruiriam também se não tivéssemos um lapso no tempo ou na memória no meio de qualquer outra coisa enquanto o tempo arranhava todos os cds mais nunca as canções for-

you blue e o tempo amassava todos os jornais mais não as notícias enquanto nos despedíamos dos anos mais não das fotos dos calendários. O tempo matou todos os cachorros os de origami também e todos os amores que não eram brutos, só cachorros mesmo ou perros: muito locos. E sempre recortava alguém das fotos mesmo que esse alguém fosse você mesmo pela metade. O tempo come até os coturnos. Come as cordas do violão, os aforismos de Wilde o retrato de Dorian Gray as coisas que eu não sei o tempo empoeira todos os cobertores e mesmo morrendo de frio você fica com um medo danado de se encobrir com eles. O tempo destrói as ondas mesmo as sonoras e ate as marés que também não estão muito para peixe e a mulher do tempo de gestos e vozes artificiais me diz que faz muito frio na cidade de Belo Horizonte que também já não existe mais enquanto o tempo destrói os ossos os ócios e os ofícios do Drummond junto com excertos de poemas ou quaisquer outras coisas minhas e suas polaróides velhas discos de vinil e todos aqueles sonhos que ficaram perdidos embaixo do sol das bancas de revista no ano de mil novecentos e eu gravei um tape para você chove muito aqui e o tempo destrói tudo inclusive meu nome também o do meu pai que já morreu do meu filho que ainda não nasceu e do espírito santo que destrói o mundo todo, dentro da minha cabeça.

Camila Silveira

Without Subtitles

Uma sensação estranha percorre todo o corpo que em silêncio ganha

tatagens de unha de tigre nas pernas e nos braços.

Presença sua
Presença nua
Quero que saibas
Que sempre fui tua
Nua pela primeira vez
Sinto-me tão tua
Agora
Na nossa noite, manhã
Tarde
Infundável
Inúmeras vezes
Sempre me sinto
Como na nossa
Primeira vez.



seu corpo já deixou este corpo em chamas, adoece

nesto porto a espera da tempestade e
sobre o dia em que vi os barcos parados

quem chama sou eu, perdido no ar que eu mesmo inventei

Presente para a Mulher

Dentre todas as mulheres
Há as que sonham com uma Vitor Hugo
Outras tanto insólitas preferem uma pochete
E as mais românticas, sonham ganhar uma
Cesta, repleta de flores, e sementes
Para um novo Amor.

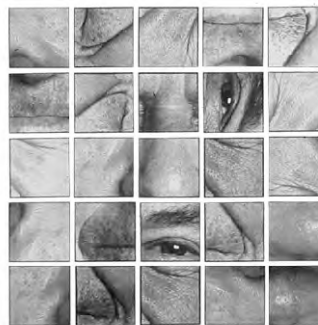
nesta página, que será virada em breve, dois poemas de Bárbara Barroso.

Ilustração: fb.com/experimentalismos

poema em linha torta: Rômulo Ferreira

A XEROGRAFIA E OS ZINES

Se para Walter Benjamin o desenvolvimento tecnológico produz uma degradação do valor estético da arte, destruindo sua “aura”, que para ele é um valor intrinsecamente ligado ao *instante*, o momento de percepção e da experiência, que possui *historicidade*, por outro lado essa mesma tecnologia propicia um alargamento da experiência da realidade que, na maior parte das vezes, o ser humano é incapaz de experimentar “a olho nu”. Claro que a reprodutibilidade mecânica da arte é capaz de produzir a massificação e a uniformização da experiência, como nos alerta Benjamin, mas a própria linguagem já o fazia (e faz), o que nos faz pensar que ao contrário do que WB faz parecer, a massificação não depende da reprodutibilidade imagética. Aliás, o posicionamento de WB também oculta a outra face da moeda, usurpando sua tridimensionalidade. A reprodutibilidade técnica da arte propicia deslocamentos e



interseções de *instantes*, *demomentos históricos*, produzindo novas relações espaço-temporais, tornando possível de mais uma maneira a evaporação das distâncias a que se refere Stuart Hall a respeito da cultura pós-moderna. Aliás, “*proximidade não é menor distância*” (M. Heidegger) e é por isso que a Mona Lisa está mais próxima das pessoas hoje do que ela foi em outras épocas mesmo para aquelas pessoas que a visitavam no Louvre.

O livro se tornou o primeiro suporte para a arte reproduzida em série. As técnicas de gravura já existiam antes, mas as estampas não eram produzidas em larga escala. Com a indústria editorial e a publicidade nascendo no século XIX, as técnicas de reprodução ganham um enorme impulso. Aparecem novas técnicas que, acompanhadas depois da fotografia que se desenvolvia paralelamente e solapava o mundo da pintura, modificarão o artista enquanto fazedor de arte. O que até então era um fazer físico, manual, torna-se aos poucos um gesto ideal, gesto sem gesto, arte conceitual. Se o fotógrafo não precisa mais agir



diretamente sobre certos materiais para criar uma imagem, passando a dirigir o funcionamento de um mecanismo que a capta e a produz por si só, sua arte não possui mais a mesma dimensão gestual e indicial que a pintura possuía. Mas isso não é uma perda, é apenas uma mudança de foco, da forma para o sentido, adicionando um ganho: a percepção do imperceptível.

Durante muito tempo a gravura manteve-se completamente ligada ao gesto (e na maior parte ainda o é), necessitando do movimento físico para produzir as matrizes, que depois são apenas operadas nas multiplicações virtualmente infinitas das estampas. Mas a xerografia, ou simplesmente xerox, tornou possível na gravura a mesma relação que o fotógrafo adquiriu com a câmera. A fotocopiadora é capaz de produzir imagens de maneira automatizada como a fotografia, embora possua uma limitação física, pois sua invenção se deu para substituir de maneira barata e ágil processos de reprodução de imagens como a cianotipia.

A xerografia foi inventada por Chester Carlson em 1938, quando foi chamada eletrofotografia, mas a sua industrialização só ocorreu nos anos 1960 com a Xerox, a primeira empresa a lançar uma máquina totalmente automatizada para xerografias. O processo atua ionizando a imagem copiada e os cilindros internos por onde passam o papel em branco com cargas positivas e negativas. Assim uma imagem latente, um negativo, é gerada, por ionização, sobre o cilindro. Esse negativo é revelado também por ionização,

ao atrair o toner (um pigmento em pó) sobre o papel que é fixado por pressão e calor.

Muitos artistas do que se passou a chamar de *copy art* passaram a explorar a xerografia ao produzirem cópias usadas para colagem, como Florence Weisz no Reaganart XII, acima. Outras possibilidades são também exploradas ao criarem fotocópias de objetos tridimensionais depositados sobre a bandeja da fotocopiadora, lidando com as distorções e acidentes provocados pelas xerografias, como no trabalho de Ginny Lloyd,

Mas o maior potencial da xerografia atinge mais ainda uma dimensão política, como bem disse WB, que afirma a substituição da função ritualística da arte pela política na época de sua reprodutibilidade mecânica. Aqui cabem uns parêntesis, pois não creio haver limites tão bem definidos entre rito e política, não de um ponto de vista antropológico, já que o rito social é prática política onde as pessoas estabelecem relações e papéis distintos. Mas o que WB acerta é o papel de transformação do quadro político em torno da arte e do artista que a reprodutibilidade cria, modificando seu fazer, suas questões e sua posição social, sobretudo no que se refere à xerografia.

O zine é a principal forma da xerografia pois ele reúne a capacidade de reprodução com os propósitos de distribuição massiva e de produção de circuitos de arte alternativos. Os primeiros zines, os cordéis nordestinos que têm origem medieval e variantes em outras partes do mundo, já eram a tentativa de produzir circuitos de arte alternativos, embora eles se concentrem na literatura. O circuito criado pelos cordéis é desde seu início uma alternativa ao *mainstream* dos livros das editoras e livrarias, ou melhor, dos livros da igreja medieval, pois sua origem está em alguns trovadores que distribuíam suas canções em folhetinhos. Na segunda metade do século passado, aqui no Brasil, a geração mimeógrafo, dá força ao zine, adotando o nome e a influência da produção europeia e estadunidense. Assim que a xerografia se torna acessível, o mimeógrafo é substituído, mas, ainda no tempo da mimeografia os zineiros não se contentavam apenas com a literatura; rapidamente o zine abraça as artes visuais, ao contrário do cordel que ainda a restringe às ilustrações xilográficas.

O zine é profundamente político e organizado, posicionando-se de maneira crítica ao mercado de arte e produzindo uma arte desapropriada, quero dizer, livre do vício do monopólio capitalista do *copyright*. Claro que isso não é absoluto, pois nem todos os zineiros abrem mão do *copyright*, mas claramente é uma transgressão e uma provocação do status do artista, desconstruindo a idealização e o culto dessa figura, ao mesmo tempo em que cria uma posição para o artista *outsider*. É no zine que o maior potencial da xerografia é atualizado, isto é, a dimensão política da produção e do monopólio da arte por parte das elites é transmitido a todos.



Flávio Ferreira
contato.kawazu@gmail.com
ploftblog.wordpress.com

VOZ
VOZ
VOZ
VOZ
VOZ
VOZ
VOZ
VOZ

solta aos borbotões
ligeira e fraca
voz que nos eleva
voz que nos esmaga

voz
tateia o silêncio
escurece a parede
embaça o espelho
pede paz

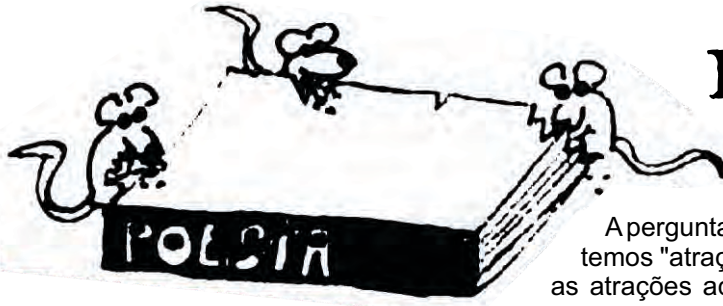
voz
mil vezes algoz
que ora, chora
despede-se de nós

Paco Cac
in memmorian

SANGUE DO CAULE

Todas pétalas rasgadas sangram
Rubra flor
Dedo no espinho
Sangue do caule
Escorre pela pele fria
Até o chão
Até o ralo
Escorre
O que respiro é dor
Do peito aflito
Cortado
Jogado aos corvos
Que comeram os olhos
Dos corpos deitados
Nus
E arrependidos
Por tanto sonhar
E escrever assim.

Arthur Parreiras
arthurparreiras@gmail.com



RATOS DI VERSOS

Uma carta de desaprovação

A pergunta "quem somos?" nos exige... Um rótulo? Certo: não temos. Não temos "atrações" nem poetas convidados: aos amigos fazemos convites, e as atrações acontecem... naturalmente. Muitos poetas que fazem o Ratos acontecer não se demoram, ficam um ano ou dois e se mandam, ressurgem em visitas anuais - e isso é lindo! Atualmente o núcleo duríssimo são os poetas:

Dalberto Gomes, Tiça Matta, Marcelo Nietzsche, Louis Alien, Atilé, Esperando Leitor, Xandu, Dan Juan Nissan Cohen, Shaina, Gabriela Tavares, Tom Sideral, Karla Sabah, Carluxo, Vivi, Daniel Rolin, Marine, Gabriel Barros... Alguns outros, que já não sabemos se ficam ou se vão. Sem citar todxs, mas temos uma história sendo contada por essa nuvem de poetas no tempo.

Vemos essa gangue-poema, Ratos Di Versos, e ela possui uma história: desde antes, quando já existiam poetas como Chacal, Maurição Antoun, Marcelo Nietzsche, Carluxo... E são pessoas que já vinham dos 70, dos 80, circulando a cidade e... O empurrão não basta, desequilibrar-se também é importante: Dan Magrão e Dudu Pererê são dessas pessoas-labirinto que esbarraram com esses poetas do CEP20MiL e dali partiram para criar o Planeta Letra (no Planetário da Gávea), já que naquele momento a leitura das poesias do Carluxo se fazia urgente!!

Nesse início, é preciso incluir a exagerada graça do poeta Dalberto Gomes! Chupador de manga profissional, de história cultural na zona oeste, é um ícone para os Ratos: dalbertiar é o verbo que sai de sua boca, na direção que for possível! Bando de sacis, juntos, formaram um núcleo na Lapa, ano 2006, poesia que não acabou.

Além de grandes fazedores de amigos, somos apaixonados por poesia de buteco, se tornando um clássico sarau das noites sob os Arcos da Lapa - surge o o!! __Ratos Di Versos__!! [17/MAI/2006] nome emprestado por meio ambiente, com sarau no bar que levou o nome do local!! __Beco dos Ratos__!! Ali tinha um cineclubismo de parede e junto esses __nascemos ali!!! Mas foi no Bar do Jô, na viela trash chamada Travessa dos Carmelitas [2007-2009], ponto de travestis e prostitutas, ali sim: foi o batismo de fogo! Então o o!! __Ratos Di Versos__!! possui essa rebeldia como marca, o que significa: somos poetas não institucionalizados.

Expulsos a toda hora, vida de retirante, são lugares que merecem nosso RAT-Respeito: o finado Balaio Cultural, a rua dos Inválidos, ocupamos a estátua do Drummond e a "vaca" de Copacabana, integramos o Ocupa Câmara [2010-2013] na Cinelândia, fomos pro Bar LapaEskina [2011-2012] na Joaquim Silva, pra Escadaria da Lapa pastilhada pelo finado Selarón [2010 e depois em Dez-2013], e estabilizamos de 2014 em diante, em diferentes pontos da Rua da Lapa: na Sinuca Tico Taco [em cima, embaixo, ao lado], na Esquina do Pecado [na encruza com a Joaquim Silva], e por fim: o Bar Princesa da Lapa, este que serve de apoio a ocupação do parquinho_ onde estamos atualmente.

Ao longo do tempo, acumulamos algumas experiências em projetos, como fazer intervenções no Espaço Artesão, fazer Viradão Cultural, visitas aos poetas de SP, como os Poetas Maloqueiristas, Vaca das Galáxias, Nossa Casa, Buraco da Minhoca, Viela Em close, algumas idas para a FLIP em Paraty, outras... E falar das sonoridades é importante: seja o Bloco do Ratos de outrora, ou alianças com a banda Na Sala do Sino, a trupe dos Queridos Bandidos, AnarcoFunk, várias bandas Punk, o Jazz do Guga Pellicoti, uns Forrós... e muito roquenroll: Os Vulcânicos, GranMostarda, Second Come, Ênio Berlota e a Noia, Ma Non Troppo, AstroVenga etc.. Os Ratos amam uma trilha sonora!

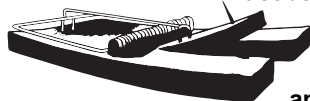
Para a encerrar essa letra, fechamo-nos em naipe de copas: com nossa propaganda. O Ratos Di Versos possui alguns livros, pessoais e coletivos, algumas edições ainda podem ser compradas diretamente com Nietzsche. Fanzines temos, procure o Dudu Pererê ou Xandu. Informações sobre o saraval, já foi forte no blog, no email, no orkut, tivemos perfil no Livro das Caras, que perdemos pro maldito Zuzuca, o ditador nessa cumbuca do Feicebuca. Agora restou essa page, e os links seguem aê mais embaixo.



RATOS DI VERSOS
"Poesia no Beco dos Ratos"
Quarta sim, quarta não

Quarta-feira, dia 17, às 19:00, no
Beco dos Ratos
No início da Rua Joaquim Silva
Próximo à termas Rio Antigo, Lapa
A primeira edição

Com palco aberto
E mais: Iverson Carneiro, Dudu Pererê,
Daniel, Maurição, Maristela Trindade,
Luis Santana, Manuel Gomes, Carluxo e
muitos outros
contato: 95053847/www.verbologue.zip.net



facebook.com/ratos.versos
ratosdiversos.blogspot.com
ratosdiversos@gmail.com
o sarau Ratos Di Versos acontece às QUINTAS - SIM
após as 21 hrs, Rua da Lapa, 128 - VENHAM!



SIMÃO DO DESERTO

Insistir. Ainda que o orçamento **esteja** reduzido, ainda que o público **esteja** **escasso**. O que importa é primar pela **qualidade**. O que importa é não fazer concessões à **desistência**. O que importa é **existir**, é **ser**, ao invés de apenas parecer com aquele que é. **Insistir** **sem** **descanso**, com frequência. **Malemolência**, vai... **Flexibilidade**... **Atenção** para a **postura**! Sem **esmorecer**! **Teso** **mas** não **tenso**. Protótipo de obra prima – pilar. **Render-me** à **tentação**, por que não? "Porque vi Simão no **Deserto**."

matheus matheus - MG
com citação de Porque você faz Cinema?
(Joaquim Pedro de Andrade e Adriana Calcanhotto)
imagem . Simon Del Desierto, de Luis Buñuel, México, 1965
www.junkiesvilipendiados.blogspot.com.br

EXPRESSÃO

quando uma palavra
cai de minha boca

quando um turbilhão
saí pela voz rouca

o poema é a navalha
expressão que ecoa

Victor Escobar - RJ

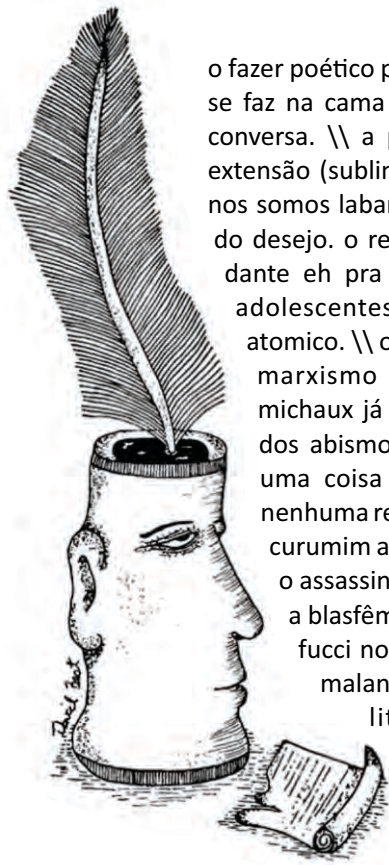


A massa sentia:
lhe passaram a mão.
Era a mão do mercado
Punguista
Prestidigitadora
tarada
A massa sentia
um dedo invisível
O mercado estava
no controle

Henrique Santos
<https://www.facebook.com/pakkatto>

O FAZER GRATUITO DA

Roberto Piva \\ SP, fev. 1982



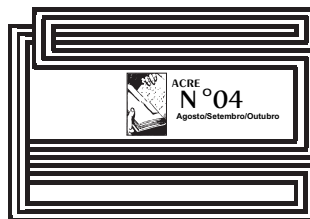
o fazer poético passa pelo corpo e pela cama. a poesia se faz na cama como o amor... isto para começar a conversa. \\ a palavra registrada em livro eh mera extensão (sublimada) do que sobrou da orgia. todos nos somos labaredas provocadas pelo curto-circuito do desejo. o resto eh balacobaco, isto eh literatura. dante eh pra ser relido numa sauna rodeado de adolescentes. não num escritório abrigo anti-atômico. \\ o vampirismo descobriu o desbunde, o marxismo e a linguagem caricata. \\ henry michaux já deu o recado: conhecimento através dos abismos . inferno, purgatório e paraíso são uma coisa so. mastigue cogumelos e veja. \\ nenhuma regra: ver com os olhos livres. \\ assim o curumim aprendeu o gosto de todos os espíritos. o assassinato também pode ser a ordem do dia. a blasfêmia e o roubo. Veja o episodio de vanni fucci no inferno de dante. giria da pesada de malandro medieval. mimetismo. para uma literatura da crueldade. como diz Edoardo Sanguinetti: o surrealismo eh o fantasma que com toda justiça, persegue as vanguardas e lhes nega um sono tranquilo. com a costela do

ilustra: David Beat

POESIA

kapitalismo foi criada a panacéia socialista. o forro nuclear eh a medida das riquezas das nações. as soluções em poesia são individuais e não coletivas. eu estou com gilberto vasconcelos: depois que joguei a obra completa de marx pela janela, comecei a entender o brasil. fora isto o seguinte: poesia eh a forma de conhecimento que ve através de objetos opacos como uma viagem de lsd e estados mediunicos de levitação, xamanismo, linguagem da sibila de cumas, e cantos de caça de povos primitivos, poesia eh uma atividade lúdica em que esta empenhada sua vida, sua morte, sua dor, a felicidade e principalmente o jogo. o jogo gratuito de todas as coisas. por acaso, eis a origem de todas as coisas diz nietzsche. nao devemos excluir autoritariamente, como censor barato nem os que se dizem marginais e nao sao e os que pensam que sao e sao escriturarios. os hitlers e os castros da vida ja fizeram isso com muito mais eficiencia. a poesia eh a mais fascinante orgia ao alcance do homem. e como diz hegel: a orgia baquica da historia sera vivida por cada um de seus membros.

outras capas



➔ PRÓXIMA EDIÇÃO: Setembro '16

O SUPLEMENTO ACRE é uma publicação independente (fanzine) que sobrevive às custas de contribuições livres arrecadas por pessoas que acreditam que a arte e a literatura podem, sim, ajudar a mudar este mundo de merda. Tiragem inicial 200 exemplares na PRAÇA, capa em papel kraft Acabamento grampeado/arte da capa em stencil e colagem. fontes variadas, ilustrações cedidas pelos autores, obrigado a todo mundo que acredita. trabalho TOTALMENTE editado e montado em casa!

Outras Dimensões Solo Editorial
publique-se



eufu reciclado.blogspot.com
outrasdimensoes@gmail.com

21-9-6822-3446
/outrasdimensoes



trilha sonora desta edição:
Morphine!, Madrugada,
Lô Borges

PARTICIPE!
MANDE SEU MATERIAL

!!! edições anteriores (17,00 cada)
O EDITOR TEM QUE FICAR VIVO, PRA TER MAIS!
outrasdimensoes@gmail.com//OU
0800 em \\\suplementoacre.blogspot
Caixa Postal 15210 - RJ/RJ cep: 20031-971

CONTRIBUIÇÕES LIVRES: Banco do Brasil
Ag. 0473-1 Conta Poup. 16197-7 VARIação 51

